

Texto: Ana Anacleto  
Tradução e edição: Susana Camanho  
Produção: Rita Senra, Pedro Huet  
Montagem: Carlos Campos  
Assistente produção e montagem: Carolina Figueiro  
Design: Mlacedo Cannatà  
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho  
Agradecimentos do artista: à Maria e aos meus filhos Simão, Estevão e Pureza. Equipa Sismógrafo, Ana Anacleto, José Manuel e Maria Ernestina Simões Correia, Alexandre Camarao, Igor Olho-Azul.

A equipa do Sismógrafo é composta por:  
Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho,  
Pedro Huet, Maria João Mlacedo,  
Hernâni Reis Baptista, Sara Rodrigues,  
Rita Senra e João Pedro Trindade.

O Sismógrafo tem o apoio:



*do***ARTES**  
DIREÇÃO-GERAL  
DAS ARTES



**rpac**  
Rede Portuguesa  
de Artes Cénicas

Anclo Cratório  
**Porto.**



**CIN** artworks

# WASTES

Bernado Simões Correia  
14 Set–2 Nov 2024

# Conversa com livros com Bernardo Simões Correia

Sábado, 2 Nov 2024  
16:00–18:00

**BERNARDO SIMÕES CORREIA** nasceu em 1980 em Lisboa onde vive e trabalha. Em 2004, terminou curso de Design Gráfico no IADE e em 2012 completou o projecto individual em artes plásticas no Ar.Co. É professor de desenho desde 2010. Entre 1999 e 2003, viajou para o Norte interior de Moçambique onde trabalhou como voluntário durante os meses de Verão. Das exposições que realizou destacam-se “Tigre” (2015), no Espaço A2, “Cavaleiro branco” (2015) Museu Geológico, “...Acontece que há phantasmas, por isso não temas...”, Prémio Novos Artistas Fundação EDP (2017) (Finalista), “Predador perdido” (2018), Galeria A Montanha, “A camisa da cobra” (2020), Atelier Bempostinha, “Spirare” (2021) Lado-B - Galeria Balcony, “Onças espreitam do breu matagal” (2021), CAV. Desde 2017 que colabora com Alexandre Camarao no colectivo ABCC o qual venceu o primeiro prémio aquisição Mauro Mattei Art Trust (Milão) com a exposição colectiva “The Pathfinders” (2019), Atelier Bempostinha. Em 2020, os ABCC realizaram a exposição “Corium”, na Brotéria.

O substantivo “saga” tem a sua etimologia fixada no latim, designando (no género feminino) uma feiticeira, uma adivinhadora ou vidente, praticante de fenómenos mágicos, com poderes sobrenaturais, particularmente sábia e experiente. Na língua portuguesa, o substantivo adquiriu sobretudo a herança do nórdico antigo referindo-se a uma particular forma de contar ou narrar episódios reais ou ficcionados, somando-lhe a particularidade discursiva que encontramos na sua raiz latina – os referidos fenómenos mágicos ou sobrenaturais – que permite projectar tais episódios para uma dimensão épica, sobre-humana e, em certa medida, intangível e encantatória. Nestes relatos, figuras humanas, animais e objectos adquirem poderes extraordinários e as suas acções, mais ou menos regulares, parecem assentar numa inteligência própria, reservada às criaturas mais especiais, com acesso aos segredos e mistérios de um mundo que existe para além da lei imediata das coisas, um mundo maravilhoso.

Bernardo Simões Correia tem vindo a desenvolver um interessante percurso centrado numa investigação plástica em torno das imagens, da sua condição espectral e fantasmática, das suas qualidades e condicionantes e em torno do imenso campo da visualidade enquanto ferramenta de relação com o mundo nas suas múltiplas dimensões. Interessam-lhe os mecanismos de reprodução – dos suportes analógicos aos digitais, da bidimensionalidade à tridimensionalidade – que lhe permitem ensaiar no real, com grande liberdade e sofisticação, possibilidades de suportes para a fixação destes fantasmas. Falamos metaforicamente de fantasmas, na medida em que as suas imagens resultam de visões imaginadas, produzidas pelo corpo – resultado de uma combinatória de referências muito diversas – mas descorporizadas até ao momento derradeiro da sua fixação. Na nossa condição de espectadores vemo-nos assolados, perturbados e desafiados por questões: De onde vêm estas imagens? Qual o seu destino? E de que forma parecem ser, elas mesmas, evocadoras de outras tantas imagens possíveis, atravessando o tempo e consagrando-se, à maneira de uma narrativa épica, na magnitude da sua condição imaginada?

Com a sagacidade necessária e própria dos artistas, Bernardo Simões Correia parece pensar a exposição como um momento especial de encontro, como um momento de aproximação entre as imagens (apresentadas nas suas mais diversas formas, escalas e técnicas) que procura, não só, desde logo, a fixação da sua condição impermanente, mas também a promoção da sua convivência dialogante e discursiva, permitindo ao espectador a experiência da decifração entendida como um acontecimento que o aproxime desse toque, ao de leve, no maravilhoso.

*Saga*, 2024

Instalação

Impressão digital em tela náutica, 100 x 200 cm

Fundição em latão, dimensões variáveis

Sem título, 2024

Pastel de óleo s/contraplacado

13,7 x 20 cm

Outros *phantasmas* reforçam a *Saga* em Outubro.

# Actividade

## Imagens Presentes com Daniel Moreira e Rita Castro Neves

Sábado, 12 Out 2024

16:00–19:00

Participação gratuita

Inscrições: [publicos@sismografo.org](mailto:publicos@sismografo.org)

Lotação limitada

A partir da exposição “Saga” de Bernardo Simões Correia, Daniel Moreira e Rita Castro Neves propõem uma oficina entre a fotografia e a escultura, inspirada no legado do *Museu Imaginário* de André Malraux. A dupla de artistas debruça-se sobre o *Museu Imaginário da Escultura Mundial*, uma obra em 3 volumes terminada em 1954, com a qual André Malraux nos desafia, na sua proposta de trazer “uma presença” da escultura, e não de fazer a sua história. A oficina “Imagens Presentes” lança mão da fotografia, para pensar as suas qualidades enquanto instrumento de análise, documentação, reprodução e circulação, e também o seu potencial estético, ficcional, exploratório e libertador. A fotografia estará na base das pequenas criações tridimensionais a desenvolver pelas/os participantes, entre a escultura, a memória colectiva de imagens e a reflexão sobre a autoimagem. A partir da representação dos nossos corpos e em diálogo com representações outras de outros corpos, criaremos corpos novos: híbridos, a-históricos, introspectivos e imaginários.

**DANIEL MOREIRA e RITA CASTRO NEVES**

vivem e trabalham entre o Porto e a Beira Alta. Daniel Moreira é licenciado em arquitetura, iniciando, em 2000, um percurso multidisciplinar entre a arquitetura e as artes plásticas. Rita Castro Neves, após terminar o Curso Avançado de Fotografia do Ar.Co em Lisboa e o Master in Fine Art da Slade School of Fine Art de Londres, inicia uma atividade artística regular, de docência e de curadoria. Com percursos artísticos separados, começam a trabalhar em colaboração em 2015, iniciando um projeto longo a partir da natureza em que, com o desenho, a fotografia, o som, o vídeo e a performance, refletem sobre colaboração artística, diferentes técnicas e culturas artísticas, território, ciência, escala e percurso. O seu trabalho, influenciado pelo pensamento animista, parte muitas vezes do lugar em que se encontram. Atentos às possibilidades das matérias, encontram soluções simples, mesmo para resultados complexos e de larga escala, que são frequentemente devedoras dos saberes tradicionais e populares. Desde então, realizam diversas exposições individuais e coletivas, residências artísticas, publicações e curatorias. Em 2020 terminam o projeto de recuperação da Escola de Macieira, uma antiga escola primária do Plano dos Centenários na Serra de São Macário, na Beira Alta, para aí iniciarem um projeto de reflexão sobre cultura serrana, a natureza e o rural, e logo pela ecologia, a biopolítica e a preservação ambiental. No seu estúdio no Porto, desenvolvem desde 2021 o projeto de arte postal Caixa de Correio. Em 2022 publicam o livro *Arquivos de Bouça Fria* com a editora Museu da Paisagem e em 2023 o livro *Breu* com A Oficina/Stolen Books.